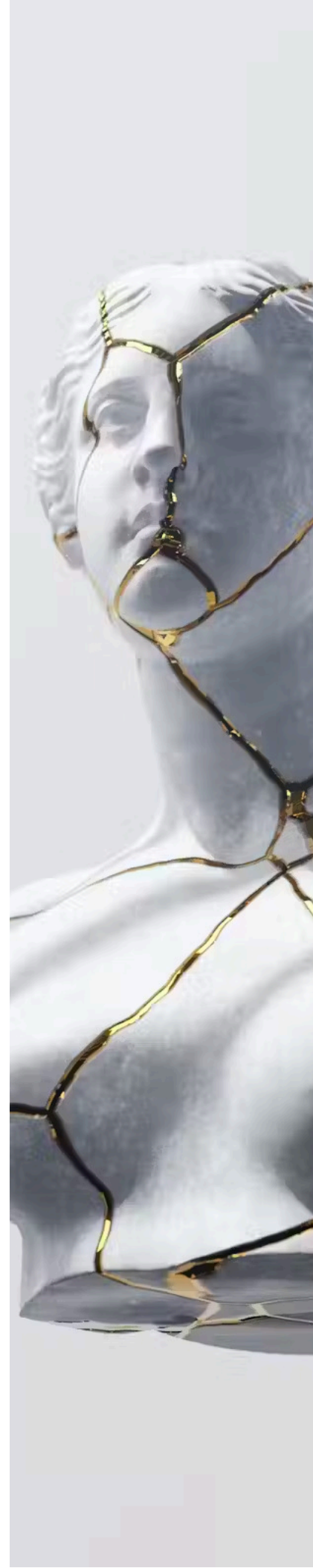


O INCONSCIENTE FREUDIANO

O conceito de inconsciente representa a pedra angular sobre a qual se edifica todo o edifício teórico e clínico da psicanálise. Desde sua formulação inaugural por Sigmund Freud no final do século XIX, esta noção revolucionou não apenas a compreensão da mente humana, mas transformou profundamente nossa visão sobre o que significa ser sujeito no mundo moderno.

O inconsciente psicanalítico não é simplesmente aquilo que não sabemos ou esquecemos momentaneamente; é uma dimensão psíquica dotada de leis próprias, conteúdos específicos e modos particulares de funcionamento que determinam, em grande medida, nossos pensamentos, sentimentos e ações.

A descoberta freudiana do inconsciente marcou uma ferida narcísica na humanidade, comparável às revoluções copernicana e darwiniana. Se Copérnico mostrou que não somos o centro do universo e Darwin revelou nossa origem animal, Freud demonstrou que não somos senhores nem mesmo em nossa própria casa psíquica. O *eu* consciente, longe de ser o comandante soberano da vida mental, revela-se como apenas uma pequena parte de um vasto continente psíquico, cuja maior porção permanece imersa nas profundezas do inconsciente.





ANTIGUIDADE

PRIMEIRAS INTUIÇÕES
FILOSÓFICAS SOBRE
PROCESSOS MENTAIS NÃO
CONSCIENTES

SÉCULO XVII

LEIBNIZ E AS "PEQUENAS
PERCEPÇÕES" QUE
INFLUENCIAM A MENTE

SÉCULO XIX

ROMANTISMO,
MESMERISMO E
HIPNOTISMO FORNECEM
BASES PARA O CONCEITO

FINAL DO SÉCULO XIX

FREUD SISTEMATIZA E
DESENVOLVE O
CONCEITO DO
INCONSCIENTE
PSICANALÍTICO

CAPÍTULO 1:

O INCONSCIENTE ANTES DE FREUD

A noção de que existem processos mentais que operam fora do campo da consciência não é uma invenção freudiana. Muito antes da psicanálise, filósofos, médicos, escritores e artistas intuíram e exploraram a existência de forças psíquicas que escapam ao controle consciente. Examinar estas precursões não diminui a originalidade de Freud, mas permite compreender melhor o solo histórico e cultural sobre o qual germinou sua descoberta revolucionária.

AS RAÍZES FILOSÓFICAS

Na tradição filosófica ocidental, encontramos desde cedo reflexões sobre aspectos não conscientes da mente. Platão, em sua teoria da reminiscência (anamnese), sugeria que o conhecimento verdadeiro não é aprendido, mas recordado de um saber pré-existente na alma. Embora não se trate do inconsciente psicanalítico, há aqui a intuição de conteúdos mentais não imediatamente acessíveis à consciência.

Leibniz, no século XVII, foi mais explícito ao formular o conceito de "pequenas percepções" - percepções tão fracas que não alcançam o limiar da consciência, mas que, em seu conjunto, influenciam nosso estado mental. Como ele escreveu nos "Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano": "De resto, existe uma série de indícios que nos autorizam a crer que existe a todo momento uma infinidade de percepções em nós, porém sem apercepção e sem reflexão: mudanças na própria alma, das quais não nos apercebemos, pelo fato de as impressões serem ou muito insignificantes e em número muito elevado."

"De resto, existe uma série de indícios que nos autorizam a crer que existe a todo momento uma infinidade de percepções em nós, porém sem apercepção e sem reflexão..."

— Leibniz, "Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano"



O ROMANTISMO E O INCONSCIENTE

O movimento romântico do século XIX foi particularmente fértil em intuições sobre o inconsciente. Os românticos alemães, como Schopenhauer e von Hartmann, desenvolveram filosofias que incluíam forças inconscientes como princípios organizadores da mente humana.

1

ARTHUR SCHOPENHAUER

Em "O Mundo como Vontade e Representação" (1818), Schopenhauer postulou a Vontade como força cega e irracional que subjaz a todas as manifestações conscientes. Sua descrição dos mecanismos pelos quais o intelecto se defende de verdades dolorosas antecipa notavelmente o conceito freudiano de repressão.

2

EDUARD VON HARTMANN

Em sua "Filosofia do Inconsciente" (1869), sistematizou muitas dessas ideias, propondo três estratos do inconsciente: o inconsciente absoluto (metafísico), o inconsciente fisiológico e o inconsciente psicológico relativo. Embora sua abordagem fosse mais metafísica que psicológica, sua obra teve grande influência no final do século XIX.



A MEDICINA E O MESMERISMO

No campo médico, as práticas do mesmerismo e do hipnotismo forneceram evidências empíricas da existência de processos mentais inconscientes. Franz Anton Mesmer (1734-1815), com sua teoria do magnetismo animal, demonstrou fenômenos que hoje reconhecemos como sugestão hipnótica e processos dissociativos.

Mais significativo foi o trabalho de médicos como James Braid, que cunhou o termo "hipnose", e especialmente Jean-Martin Charcot, com quem Freud estudou em Paris. Charcot demonstrava em suas famosas apresentações na Salpêtrière como sintomas histéricos podiam ser induzidos e removidos através da hipnose, sugerindo a existência de processos mentais não conscientes na gênese dos sintomas.



MAGNETISMO ANIMAL

Teoria de Mesmer sobre forças invisíveis que afetam o corpo e a mente



HIPNOTISMO

Refinamento do mesmerismo por James Braid, focando em estados alterados de consciência



ESTUDOS CLÍNICOS

Charcot na Salpêtrière demonstrando a base inconsciente dos sintomas histéricos



LITERATURA E ARTE

Escritores e artistas sempre foram sensíveis às manifestações do inconsciente. A literatura do século XIX está repleta de explorações de estados mentais alterados, duplas personalidades e forças ocultas da psique. Duas indicações cabem aqui muitíssimo bem:

1

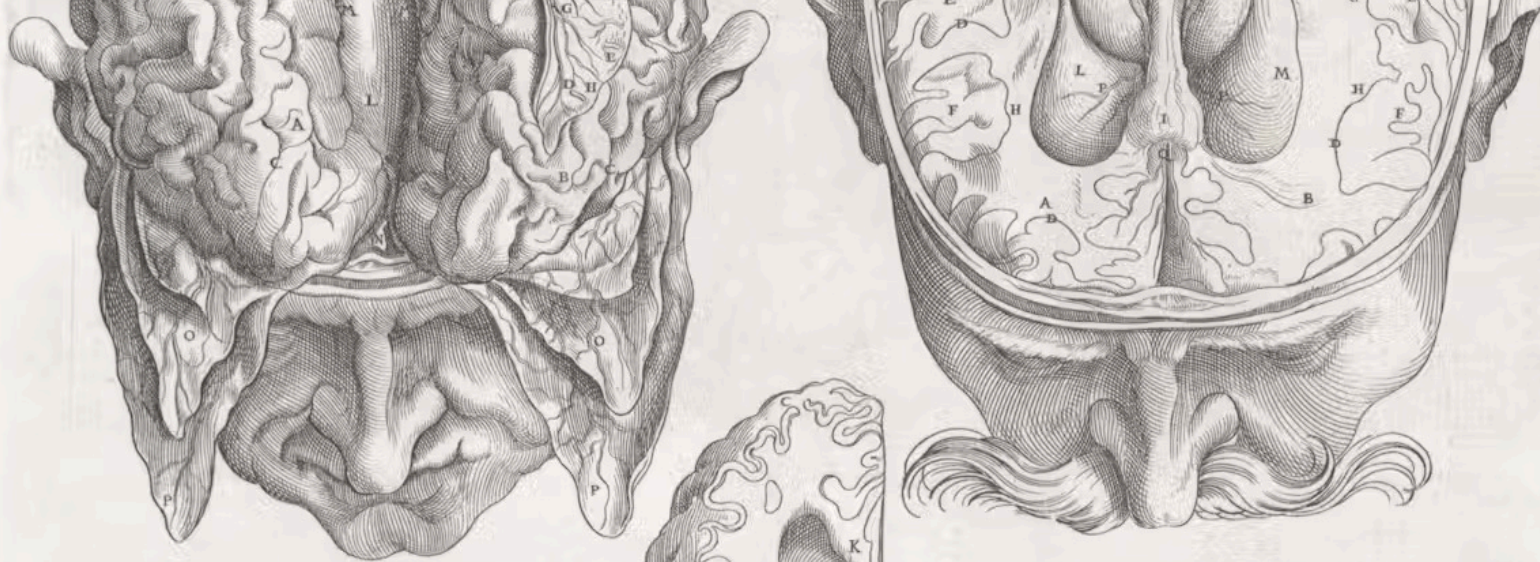
E.T.A. HOFFMANN

Com seus contos fantásticos explorando o duplo e o "infamiliar" (Unheimlich), antecipou temas que Freud analisaria décadas depois. "O Homem da Areia" (1816), por exemplo, explora medos infantis e desejos reprimidos de forma que Freud citaria em seu ensaio sobre o Unheimlich.

2

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Mergulhou profundamente na psicologia humana, explorando motivações inconscientes, ambivalências e conflitos psíquicos. Sua descrição dos processos mentais de personagens como Raskólnikov em "Crime e Castigo" revela uma compreensão intuitiva dos mecanismos inconscientes.



A PSICOLOGIA PRÉ-PSICANALÍTICA

No final do século XIX, a psicologia emergia como disciplina independente, e pesquisadores tocavam a questão do inconsciente. Para uma leitura em direções diferentes da psicanálise é possível seguir através de alguns nomes:



PIERRE JANET

Contemporâneo de Freud, desenvolveu teorias sobre a dissociação e o subconsciente. Seu conceito de "ideias fixas subscientes" que podiam causar sintomas histéricos aproximava-se das descobertas freudianas, embora Janet sempre mantivesse uma abordagem mais descritiva que dinâmica.



GUSTAV FECHNER

Fundador da psicofísica, propôs a metáfora do iceberg para a mente - a maior parte submersa e invisível. Apesar do histórico na física e na matemática ele foi o responsável por esta imagem que seria mais tarde adotada para ilustrar a topografia freudiana.



O CONTEXTO CULTURAL

O final do século XIX era um período de efervescência intelectual e transformações sociais. A industrialização, a urbanização e as mudanças nos papéis sociais tradicionais criavam novas formas de mal-estar. O positivismo científico convivia com um renovado interesse pelo oculto, pelo místico, pelo irracional.

Neste contexto, a descoberta freudiana do inconsciente não surgiu do nada, mas cristalizou e deu forma científica a intuições que pairavam no ar do tempo. A genialidade de Freud não foi inventar a ideia de processos mentais inconscientes, mas transformá-la em conceito operacional, demonstrar seus mecanismos e desenvolver um método - a psicanálise - para acessá-los e tratá-los.

De maneira sucinta, podemos definir quatro aspectos importantes para o contexto que tratamos aqui e que podem ser recapituladas da seguinte maneira:



INDUSTRIALIZAÇÃO

Transformações econômicas e sociais



URBANIZAÇÃO

Novas formas de vida e sociabilidade



POSITIVISMO

Valorização do método científico



MISTICISMO

Interesse pelo oculto e irracional